

Os netos da ciência, filhos da “perfeição”: como caminham os adolescentes do nosso tempo?

Jéssica C. S. Tenório

Esse texto surgiu como uma reflexão a partir dos estudos e discussões acerca das intersecções possíveis entre Psicanálise e Educação e, embasados por tais questões, pudemos observar a importância de lançar um olhar crítico sobre as demandas subjetivas que permeiam o ambiente escolar e que, pelos mais diversos motivos e caminhos, chegam também aos nossos consultórios.

A observação de tais demandas, bem como a capacidade de analisar criticamente os conteúdos que delas emerge, despertou o interesse de levantar alguns questionamentos e compartilhar algumas indagações que envolvem essa temática, sobretudo no que diz respeito à dinâmica vivenciada pelos adolescentes inseridos em nossa sociedade contemporânea.

De início, tomamos Lebrun (2008) para abordar a questão de que, a sociedade pós-moderna tem experimentado a ascensão da ciência como aquela que destituiu o lugar de Deus enquanto instância reguladora. Porém, o autor também menciona que, se Deus já não ocupa o lugar de pai, então ser filhos da ciência nos torna filhos de ninguém.

Um breve adendo: nos últimos tempos muito se utilizou do nome de Deus, sobretudo no âmbito “político”, fazendo parecer que essa instância reguladora havia emergido com o mesmo vigor de outrora. No entanto, nos parece que fazer menção a Deus, nesse referido contexto, não o vincula ao lugar Pai de todos, mas o coloca no lugar de cúmplice, ou melhor dizendo, de laranja. E, mais uma vez na História, nessa Roda Viva, em nome de Deus, tem-se encontrado legitimidade para empregar os mais diversos discursos e práticas odientas.

Mas, retornando à temática, em se tratando dos adolescentes, tem se tornado, cada vez mais comum, o discurso de que a ciência – leia-se: a internet, os jogos eletrônicos, os remédios... – tudo explica, tudo ensina e tudo pode. Há que se precisar de algo ou alguém mais? Isso poderia até evocar a ideia de jovens que se desenvolvem em um ambiente social completamente independente, autônomo... mas aí se interpõe uma reflexão, já que: a ciência oferece um saber consciente, no âmbito cognitivo, mas em praticamente nada é capaz de oferecer uma maturidade afetiva.

Assim, quando ousamos nomear os adolescentes de nosso tempo como netos da ciência, nos referimos ao sentido de que: se a geração anterior, que viu a ciência e a tecnologia se erguerem e se fortalecerem como possibilidades a mais de acesso à informação e ao

conhecimento, uma verdadeira chance de se tornar, rapidamente, conhecedor e “especialista” em conteúdos vários, a geração que vive hoje a adolescência tomou esse ente como o único caminho possível e confiável para os mais diversos saberes. Desse modo, tudo o que é oferecido pela meiga, acessível e quase sempre doce, vovó ciência, é o excesso, o mimo e a certeza de que ali, todas as respostas estarão sempre a palma da mão, sem que se exija grandes esforços.

Diante disso, surge um dado que nos soa bastante preocupante, o fato de ver emergir, no discurso de muitos pais, o desejo de dar tudo, de oferecer tudo, de preencher todos os espaços, por medo de se sentirem incompetentes na criação de seus filhos, de verem seus filhos fracassarem, se frustrarem; por medo de não serem os “pais perfeitos”.

Lebrun (2008) destaca essa questão fazendo referência a sensação de vazio, já que tal sensação é fundamental para que o sujeito seja capaz de lidar com a frustração. Porém, a dificuldade de lidar com essa sensação de vazio se intensifica em virtude do imperativo do consumismo, que apela para a ocupação de todos os lugares vazios, para que não haja falta. Nisso se evidencia a instalação da permissividade, favorecendo uma relação de troca e negociação entre pais e filhos... agora, eles parecem estar unidos por uma linha horizontal e não mais por uma hierarquia que legitimava a autoridade dos pais. Então, o papel da família, ainda segundo o autor, passa a ser apenas o de “dar amor” – e tudo mais o que houver de bom, mas, e o que é bom?. E, se há um dever a cumprir diante dos filhos, é o de protegê-los dos possíveis “traumas” da vida coletiva.

Essa questão faz ressoar a impossibilidade dos pais de suportarem o lugar de destinatários do ódio dos filhos, que deveria ser um papel desempenhado por eles, os pais ou cuidadores, segundo Lebrun (2008). Porém, se na família o adolescente não encontra espaço para dar vazão a esse ódio, o mesmo permanece sem destinatário, passando a ser direcionado para o mundo e para si. Um ódio não simbolizado.

Retomamos aqui a questão inicial de nossas observações, acerca dos caminhos que têm sido percorridos pelos adolescentes, inseridos em uma sociedade onde uma das únicas proibições tem sido a possibilidade da falta. Para essa questão, elencamos a seguinte hipótese: sendo a falta o elemento fundamental e estruturante do sujeito enquanto ser desejante, o imperativo da ocupação desse lugar - que só pode permanecer vazio -, eleva a angústia dos adolescentes a um outro patamar.

E para onde acreditamos que isso os leva? Para o ódio amplamente ofertado, para os sofrimentos e as marcas corporais: a automutilação, as crises de ansiedade, a ingestão excessiva de medicação, as tentativas desesperadas de chegar a um padrão do corpo perfeito, imposto pela

mídia. De fato, se é na fase da puberdade que o adolescente se encontra às voltas com esse corpo “real”mente estranho, é também nesse corpo que os sinais de angústia encontram espaço para se instalar.

A partir dos estudos em grupo, encontramos em Melman (1999) um caminho possível para a reflexão acerca desses fenômenos que tem se tornado tão comuns. Ele afirma que, ao passar pelo período da latência, onde o corpo “não se faz ouvir”, o adolescente se depara com um corpo que lhe faz exigências e ainda com a discordância entre as demandas internas e o estatuto social. Assim, embasado por Freud e Lacan, Melman (1999) evoca a questão dos *actings out* como sinais, pedidos de ajuda a um Pai ideal.

Diante dessa questão, é possível refletir sobre o motivo de a maioria desses eventos surgirem ou serem evidenciados no ambiente escolar. Na escola os adolescentes estão entre pares, mas também experimentam, através das hierarquias e da divisão de lugares ainda presentes no contexto escolar, um encontro com o Outro. Assim, a escola é, dentro da sociedade, um dos poucos lugares onde ainda é possível encontrar pessoas – se assim podemos dizer – que façam semblante das figuras parentais.

Falar disso é pensar que, talvez, a escola sirva como esse lugar de se fazer enxergar. Pois, apesar da defasagem que observamos no ambiente da educação formal, é preciso admitir que a instituição escolar ainda é esse lugar onde os adolescentes manifestam seus apelos.

Para concluir, por ora, já que sabemos o quanto ainda há que se discutir sobre o funcionamento de nossa sociedade e sobre o quanto podemos avançar nessas reflexões, nos apoiaremos sobre o que nos diz Alfredo Jerusalinsky:

Por isso que a psicanálise é socialmente muito importante, porque é o único discurso que nos permite uma revisão crítica dos absurdos que estamos fazendo no mundo e das crenças que se afirmam como certezas da verdade; não nos oferece nenhuma solução, mas, pelo menos, nos dá uma consciência do absurdo (JERUSALINSKY, 2011, p. 65).

REFERÊNCIAS:

- JERUSALINSKY, Alfredo. **Para compreender a criança:** chaves psicanalíticas. São Paulo: Instituto Langage, 2011.
- LEBRUN, Jean Pierre. **A perversão comum:** vivemos juntos sem outro. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2008.
- MELMAN, Charles. Os adolescentes estão sempre confrontados ao Minotauro. In: ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE. **Adolescência:** entre o passado e o futuro. 2. ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999. p. 29-43.